

MOVIMENTOS MESSIÂNICOS E SEBASTIANISTAS NA PRODUÇÃO FICCIONAL - AS NUANCES DO MITO

MESSIANIC AND SEBASTIANIST MOVIMENTS IN FICTIONAL PRODUCTION - THE SHADES OF MYTH

Edna da Silva Polese¹

RESUMO: O fenômeno conhecido como sebastianismo pertence a um momento dramático da história de Portugal. Após o momento histórico, passa a estatuto de fenômeno cultural, religioso e social. No Brasil, alguns movimentos messiânicos inspiraram-se na figura do rei desaparecido para dar fundamento às suas crenças e atos. A literatura se apodera do tema e expande em significados as raízes do sebastianismo presente nos movimentos messiânicos. O movimento conhecido como Reino Encantado, ocorrido no sertão de Pernambuco em 1836 deixou um legado de horror quando seus seguidores cometeram sacrifício humano em nome da crença religiosa. O acontecimento foi tema das obras *O reino encantado*, de Araripe Junior; *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego e *O romance da pedra do reino*, de Ariano Suassuna. Analisamos como se dá representação desses acontecimentos em cada uma das obras.

PALAVRAS-CHAVE: Sebastianismo. Movimentos messiânicos. Literatura.

ABSTRACT: The phenomenon known as Sebastianism belongs to a dramatic moment in the history of Portugal. After the historic moment, becomes cultural phenomenon status, religious and social. In Brazil some messianic movements were inspired by the king's figure disappeared to give ground their beliefs and actions. The literature seizes theme and expands on the roots of Sebastianism meanings present in messianic movements. The movement known as the Reino Encantado, occurred in Pernambuco in 1836 has left a legacy of horror when his followers committed human sacrifice in the name of religious belief. The event was the subject of the novel *O reino encantado* of Araripe Junior; *Pedra Bonita*, of José Lins do Rego; and *O romance da Pedra do reino*, of Ariano Suassuna. We analyzed how is representation of events in each of the novels.

KEY-WORDS: Sebastianism. Messianic movements. Literature.

O Sebastianismo - origens

A 4 de agosto de 1578, Dom Sebastião desaparecia nas areias de Alcácer Quibir. O jovem rei de apenas 24 anos partira para a batalha em Marrocos, África, com 15 mil homens. O desaparecimento do rei, já que seu corpo não foi encontrado na

¹ Professora Adjunta 1 do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/Câmpus Curitiba). Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: ednapolese@gmail.com

ocasião, impulsionou o chamado sebastianismo, pois Portugal vivia a conflitante situação da falta de um herdeiro e assim, o reino passaria, como de fato passou, para o comando de Felipe II, da Espanha. O mito sebástico atravessa o tempo e o espaço. Sobre a divulgação do mito e sua reconfiguração em solos brasileiros, comenta Marcio Honório de Godoy:

Dom Sebastião, o Desejado e Encoberto, ganha o estatuto de fenômeno cultural, religioso e social, e começa a viajar pelo tempo/espaço. Num primeiro momento em Portugal e nas primeiras “aparições” do Encoberto no Brasil, leva consigo traços de um messianismo patriótico e nacionalista, português. Em outra ocasião, liberta-se desse significado e, em velocidade estonteante, ganha atualizações que o diferenciam bastante do seu sentido “original”, embora não perca as fortes marcas que permitem sua larga permanência, tanto espacial como temporalmente. (GODOY, 2005, p. 94)

Em *Literatura oral no Brasil*, Luis da Câmara Cascudo fornece dados importantes sobre a cultura portuguesa e o modo como foi amalgamada à realidade do novo espaço pertencente ao reino de Portugal na América:

O Brasil foi descoberto no último ano do século XV mas sua colonização coincide com o século do esplendor intelectual português, o século XVI. Estava fixado o idioma, vivos os gêneros literários, interessado o povo na manutenção dos seus autos, bailos e cantigas. Viviam os escritores populares, atores-autores, levando aos Paços e às alcaidarias os rumores da intriga coletiva, as figuras ímpares da vida nacional. Antes de correr para os areais de Alcácer-Kibirel-rei dom Sebastião, Galaaz dos Aviz, ouve Luís de Camões ler *Os Lusíadas*. (CASCUDO, 1984, pág. 337)

A configuração do mito sebástico atravessou vários séculos e embasou, em Portugal, momentos de crise social e política, segundo Oliveira Martins:

A dureza das infelicidades da pátria levava os espíritos ao estado de uma loucura febril, de uma superstição idiota, de um furor de devassidão, de medo e de extravagância. Tudo se acreditava possível, com o desvairamento do delírio. Como outrora, nas vésperas do ano mil, todos queriam gozar à farta o pouco tempo que o mundo tinha a durar. Portugal era uma nação de loucos perdidos, e no moço rei encarnara toda a loucura do povo. (OLIVEIRA MARTINS, 1977, p. 342)

A transformação da morte de Dom Sebastião em mito está intimamente ligado ao momento histórico vivenciado em Portugal. Não foi um fenômeno isolado, mas uma espécie de sentimento coletivo que fora direcionado para a figura do rei. O exotismo do tipo de educação que recebera, sua própria concepção física e intelectual, os agentes que o cercaram, tudo fomentou a criação do sebastianismo:

O caráter anacrônico da educação cavalheiresca e mística do soberano era um dos modos por que se traduzia a loucura actual, de que padeciam tanto o rei como a nação. Os prudentes conselheiros, cheios de juízo, condenavam o herói, temerário como um doido, por não poderem perceber já nem a cavalaria, nem o misticismo – coisas passadas! Porém, esses mesmos sofriam de uma loucura diversa, mas abjecta: porque Martim Afonso mostrara na Índia ser um chatim; porque D. João Mascarenhas sujou as mãos com o dinheiro de Filipe II, fazendo-se seu corretor; porque o cardeal D. Henrique, inquisidor ferino, era um saco e fraqueza mole, a que, depois de morto, o povo condenou “a viver no inferno muitos anos”. Morto, D. Sebastião viveu por séculos na alma popular e assim realizou o moto que tomara para si de um verso de Petrarca: *Um bel morirtuttalavita honora* (OLIVEIRA MARTINS, 1977, p. 350)

As várias faces de um mesmo mito

O sebastianismo atravessou vários séculos e houve modificações sobre o seu significado nos diferentes momentos históricos. Os trabalhos de Lucette Valensi e Jacqueline Hermann apontam os vários significados do sebastianismo, observando como o estabelecimento desse mito ocorre na configuração popular e na erudita. Numa redução geral para explicar o mito, Valensi explica: “Com efeito, o sebastianismo é, se o reduzirmos à sua expressão mais simples, a crença messiânica na volta do monarca que virá restaurar a independência e a grandeza de Portugal.” (VALENSI, 1994, p. 153). Esse sebastianismo representa a crença da nação imediatamente após a batalha perdida e humilhação de sujeitar-se ao reino de Castela e seu representante, Felipe II. É possível localizar as origens do sebastianismo anteriores às consequências da perda da soberania portuguesa, enraizadas em outras forças culturais:

O sebastianismo foi em parte fruto da tradição celta; forma de expressão da luta pela soberania portuguesa; construção eivada de messianismo judaico; transposição de elementos da mística castelhana, messianismo, mito. Fenômeno múltiplo e complexo, portanto, deitou suas raízes, provavelmente, em elementos da conformação cultural portuguesas anteriores ao desastre de Alcácer

Quibir; no entanto esboçou sua formulação particular num tempo específico de crise e de incertezas, marca indiscutível do período que se seguiu à dominação felipina, no final do século XVI, e prolongou-se para além da primeira metade do século XVII. (HERMANN, 1998, p. 181)

Num outro momento, a crença é estabelecida pelos textos de eruditos, homens nobres como d. João de Castro, que redigiu o texto *Discurso da vida do rey dom Sebastiam*, editado em 1603, no qual o epíteto Encoberto surge pela primeira vez:

O sebastianismo de d. João de Castro reuniu algumas características que, depois da Restauração, sobreviveriam essencialmente apenas entre os populares, sendo a principal delas o fato de o Encoberto ser o próprio d. Sebastião, misto de herói guerreiro, líder cruzado, cavaleiro derrotado, peregrino andrajoso e escondido, rei Encoberto e imperador universal. (HERMANN, 1998, p. 208)

E pouco adiante:

Sob um determinado aspecto, a lenda criada sobre a figura de Dom Sebastião está vinculada à imagem do rei sacralizado, na idéia da divindade do monarca: “Acreditar na volta de d. Sebastião era crer na misericórdia divina, no apreço sagrado pelo reino português e na sacralidade presente na figura real.” (HERMANN, 1998, p. 209)

Esse aspecto está muito bem argumentado na obra *Os dois corpos do rei*, citado pela autora e que demonstra essa via de mão dupla sobre a imagem da monarquia. O rei, depois de coroado, seria eterno, mesmo perante a morte: “O fato de que o rei seja imortal porque legalmente jamais pode morrer”(KANTOROWICZ, 1998, p. 18) O texto de Antonio Vieira representa essa faceta do sebastianismo, pois o poderoso argumentador profere a ideia de que Sebastião já voltara, na pessoa de Dom João IV, o Restaurador: “Fenômeno barroco, o sebastianismo congregou, amalgamou, combinou e misturou elementos culturais múltiplos, vários deles de longuíssima duração, produzindo um corpo de crenças tecido em torno do corpo de um rei morto, fosse ele d. Sebastião ou d. João IV.” (HERMANN, 1998, p. 247) .

O sebastianismo está ainda agregado aos mitos do círculo arturiano e da ilha encantada de Avalon, demonstrando assim que o fenômeno vincula-se a lugares específicos: “Formulação múltipla e híbrida, reuniu elementos que estiveram presentes nas Trovas de Bandarra, na história de vida de d. Sebastião, nos enunciados proféticos de d. João de Castro, Bocarro e Antônio Vieira, e somou a eles um vasto imaginário de encantamentos em torno da ilha Encoberta.” (HERMANN, 1998, p. 292-292). Ilhas

encobertas no imaginário português, lagedos, lagoas e cavernas no imaginário brasileiro, o fenômeno atravessa tempo e espaço para se instaurar numa nova realidade. Miguel D’Antas, autor de *Os falsos D. Sebastião*, publicado em 1866, destaca também esse aspecto: após as infrutíferas tentativas de fazer subir ao trono impostores que afirmavam ser o rei, o sebastianismo alcança outro caráter. Passado o tempo e percebendo-se que os limites razoáveis do tempo não aceitariam a vinda de Dom Sebastião em carne e osso, o sebastianismo transforma-se em lenda.

No começo deste século [XIX], a seita dos sebastianistas contava ainda numerosos adeptos que pretendiam que o rei D. Sebastião, que a misericórdia de Deus tinha guardado numa ilha desconhecida, viria desembaraçar a península da invasão francesa.

(...)

Muito depois dessa época a seita dos sebastianistas contava ainda alguns adeptos, velhos vestidos com fatos excêntricos que esperavam ainda o Príncipe Encoberto, que se encontrava numa ilha desconhecida. Segundo a lenda devia voltar numa manhã de nevoeiro e, no nosso tempo ainda, viam-se alguns desses poucos patriotas colocados à beira-mar para tentar aperceber através da bruma as velas dum navio misterioso que devia trazer o príncipe pelo qual a seita, de que eles eram os últimos representantes, suspirava ardentemente, há várias gerações e que dividia, à imitação do Messias, trazer a felicidade a todos (D’ANTAS, 1988, p. 255)

O sebastianismo passa a modificar-se: do passado para o futuro, não mais a espera, mas a esperança. Uma expectativa quase palpável já realizada num espaço fora da ordem social vigente. O fato é que o sebastianismo chegou e se instalou em regiões quase isoladas do Brasil. Transfigurado para o espaço do sertão, aliada ao milenarismo e ao messianismo, fomentou movimentos como o da Pedra do Reino:

A possível circulação e valorização de escritos atribuídos a Bandarra, o caminho que tomaram para chegar ao sertão nordestino do século XIX, e o sentido milenarista e messiânico de suas elaborações podem ser brechas importantes para que consigamos nos aproximar dos prováveis sentidos desses movimentos no Brasil, quase três séculos depois de Alcácer-Quibir. (HERMANN, 1998, p. 309)

Sobre esse trecho é possível fazer um paralelo com o registro de Câmara Cascudo, já citado, ao afirmar que o período inicial do século XVI foi o mais rico em influência na colonização brasileira. Essas “brechas” permanecem ocultas, pois é

através da cultura popular que homens como João Antonio do Santos retomará o mito sebástico no ano de 1836 na comarca de Flores, Pernambuco.

Desejado e Encoberto, d. Sebastião certamente não morreu em Alcácer Quibir. Transformou-se em crença sebástica e sobreviveu nos textos e nas transfigurações de seus apologistas, nas farsas de seus imitadores, nos fantásticos de suas viagens e reinos fantásticos e até mesmo nas tragédias do Reino da Pedra e de Canudos. Fenômeno que combinou o tempo curto dos acontecimentos com o tempo longo das lendas, das tradições e das profecias, o sebastianismo foi ainda uma expressão muito peculiar da combinação entre mito e história, entre a busca do Encoberto e as expectativas sobre o Desejado. (HERMANN, 1998, p.310)

Expectativa que se reflete nos anseios de uma vida melhor, mesmo com a ausência de esclarecimento político. A urgência maior é a presença da religiosidade e de algum tipo de organização que garanta o futuro. Lucette Valensi aponta as supostas causas sociais para o estabelecimento do mito em solos brasileiros:

Os especialistas do Brasil e de seus movimentos sociais sublinharam o terreno social em que as crenças sebastianistas e messiânicas floresceram. Elas acompanharam os retirantes, os pequenos camponeses pobres do Nordeste mais árido, que as grandes secas jogavam nas estradas e transformavam em vagabundos. Deram às populações do interior, privadas de enquadramento religioso e administrativo, uma razão para esperar, um projeto. Pequenos camponeses que viviam de uma agricultura familiar de subsistência ou de uma criação extensiva: são cristãos fervorosos, mas a Igreja está ausente. Esta atende o litoral e as populações urbanas, não se embrenham no sertão. Assim, é condescendente com esses leigos iluminados que substituem os clérigos, difundem a boa palavra e celebram os rituais regulares. Aos habitantes do sertão os messias levam o que lhes falta: uma palavra sem mediação, que dá sentido a suas dificuldades e promete remédio; uma ordem e um cimento para manter as comunidades; e se o fervor ganha, um chefe que os conduz à salvação. (VALENSI, 1994, p. 170)

Também o texto de D'Antas registrou a notícia do sebastianismo neste movimento ocorrido no Brasil:

Os sonhos desta seita atravessaram os mares e em 1838, na América do Sul, e no interior da província de Pernambuco, dois dos seus adeptos, os irmãos João Antônio e Pedro Antônio conseguiram dar luz às mesmas ideias. Proclamaram-se os enviados do rei d. Sebastião de quem anunciavam a chegada próxima e reuniram à volta deles um grande número de prosélitos que se tornaram hostis à autoridade local. Ideias de independência escondiam-se, nesta circunstância, sob

a aparência de fanática loucura. A autoridade só conseguiu desembaraçar-se destes dois irmãos visionários depois de uma sangrenta escaramuça sobre a qual foi apresentado um relatório ao parlamento brasileiro. (D'ANTAS, 1988, p. 255-256)

A fonte da notícia é de Ferdinand Denis, conforme nota do autor. Percebemos dois equívocos mais destacáveis: João Antônio e João Ferreira, cunhados, foram o que levaram o movimento adiante, e não João Antônio e Pedro Antônio, irmãos; é pouco perceptível que a motivação para a formação desse movimento tivesse origens no sentimento de independência. As fontes, sejam elas historiográficas ou ficcionais, nos apontam um desejo de mudança da realidade de suas vidas. O embasamento para essa perspectiva também não deixou de ser monárquica: João Ferreira proclama-se rei e a quebra do encantamento traria o rei Sebastião e sua corte.

Dom Sebastião no sertão

No Brasil, dois são os movimentos associados ao fenômeno do sebastianismo: Canudos e Pedra Bonita. Canudos é o movimento imortalizado pela obra de Euclides da Cunha. Ocorrido entre 1896 e 1897, liderado por Antonio Conselheiro, é, a partir da obra de Euclides, que o leitor tem acesso à informação de algumas quadrinhas, proferidas pelo líder messiânico, nas quais apresentava Dom Sebastião como figura emblemática de esperança para o povo. No entanto, estudos mais recentes, como os de Marco Antonio Villa e José Calasans negam essa ideia. O texto Villa reforça a interpretação de que houve pouco apreço na pesquisa que visava ligar a imagem de Antônio Conselheiro ao sebastianismo:

De todos os participantes da campanha que deixaram escritos seus relatos (jornalistas, militares, estudantes e escritores), Euclides da Cunha foi o único que apontou uma influência sebastianista em Canudos, a esperança na vinda de um rei predestinado. Nas reportagens de *O Estado de S. Paulo* não há qualquer comentário, mas na *Caderneta de campo* há várias referências na transcrição de ABCs – relatos em formas de versos - e de uma suposta profecia que Maria Isaura Pereira de Queiroz chama de “sermão recolhido por Euclides da Cunha”, induzindo o leitor a considerar o texto como autoria de Antônio Conselheiro. Em *Os sertões* foram citadas duas das chamadas profecias e um pequeno trecho de um ABC, mas da forma como foram expostos dão a entender, no caso das profecias, que é um único documento. (VILLA, 1997, p. 231)

José Calasans em obra publicada em 1959 já antecipara essa interpretação do mito sebástico no espaço e na mentalidade dos conselheristas:

Euclides da Cunha tomando contacto com o sertão baiano nos últimos dias da Campanha de Canudos, por ele memoravelmente estudada em livro imortal, constatou que o sebastianismo continuava, naquele longínquo pedaço de Brasil. São palavras do escritor: “nem lhe falta para completar a símile, misticismo político do sebastianismo. Extinto em Portugal, êle persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador nos sertões do norte”. A afirmação de Euclides da Cunha, que o autor teve o ensejo de documentar, baseava-se em papéis recolhidos entre os próprios sertanejos vencidos, nas profecias e versos populares avaramente procurados por triunfadores. Numa profecia escrita, que Euclides da Cunha atribuiu ao Conselheiro, estava anunciada, *de modo bem confuso*, a vinda de D. Sebastião. (CALASANS, 1959. p. 50. Itálicos nossos)

Tanto Villa quanto Calasans compartilham a ideia de que Euclides da Cunha fora o único que registrou a presença do sebastianismo no episódio de Canudos. No romance de J.J. Veiga, *A casca da serpente*, 1989, não se encontra nenhum trecho em que se resgate a presença do mito. A ficção mais recente parece compartilhar da ausência do mito sebástico.

O movimento messiânico de Pernambuco, no entanto, não deixa dúvidas sobre a evocação do mito sebástico. O trato ficcional nos disponibiliza visões díspares sobre o tema, ora interpretando como prova concreta de atraso, ora edificando-o numa superinterpretação sobre o espaço sertanejo e sua configuração como possibilidade de um reino no sertão.

Pedra Bonita é o local em que ocorreu o movimento messiânico de caráter sebastianista entre os anos de 1836 e 1838. A formação rochosa está inserida na Serra do Catolé no sertão pernambucano. Por volta de 1836 (QUEIROZ, 1965, p. 200), em Pernambuco, um sertanejo começou a divulgar que recebia mensagens de Dom Sebastião sobre um lugar encantado, uma lagoa, em que havia um tesouro. Por indução de um padre, o sertanejo desistiu de continuar divulgando a tal lagoa encantada, mas seu cunhado João Ferreira resolveu continuar a empreitada. João Ferreira, talvez por ter uma índole mais estranha e complexa, criou novas interpretações a partir das visões que passou a ter de Dom Sebastião e conseguiu reunir um grupo de seguidores. Instalaram-se aos pés de uma grande formação rochosa composta de dois longos rochedos e ali, dizia João Ferreira, Dom Sebastião estava encantado, escondido no interior das pedras. Certo dia, comunicou que Dom Sebastião novamente lhe aparecera nos sonhos e ordenara-lhe que se fizessem sacrifícios para que o desencantamento ocorresse. João

Ferreira convenceu seus seguidores que todos voltariam do mundo dos mortos completamente diferentes: os negros voltariam brancos, os pobres voltariam ricos, as mulheres inférteis voltariam férteis e até os cães voltariam transformados em dragões. Começou o ritual do sacrifício, mas um dos seguidores horrorizou-se com a situação, fugiu, informou as autoridades, mostrou-lhes o caminho e deu-se o resto da matança. Dom Sebastião não voltou, morreu muita gente, morreu João Ferreira e a história horrível ficou muito tempo sem ser lembrada.

A obra de Araripe Junior, *O reino encantado* (1878) é o mais antigo registro ficcional que se tem conhecimento, seguido pela obra de José Lins do Rego, *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953)² e, finalmente o *Romance da pedra do reino* (1971) de Ariano Suassuna.

A narrativa de Araripe Junior é marcada pelo determinismo. Ali ele defendia a ideia de que só poderia ter ocorrido uma histeria coletiva para explicar tal ato. Diz que João Ferreira era louco, alucinado e os seus seguidores um bando de dementes. Mais tarde, José Lins do Rego conta novamente a história mostrando que as bases para a tal aglomeração encontram-se na fragilidade da Igreja como Instituição, no modelo arcaico de mandonismo local e na pobreza que cerca a maior parte da população. O foco da narrativa é o descendente do “traidor”, ou seja, do rapaz que fugiu quando viu a onda de sacrifícios iniciar-se e por isso foi amaldiçoado, assim como toda sua geração. No romance de Ariano Suassuna mais uma vez a história dos fanáticos será contada e constrói-se outro sentido: o narrador seria o descendente do próprio João Ferreira que herda ideias hiperbólicas e visões fantásticas sobre si mesmo. Cria um mundo à parte em que reis, princesas e cavaleiros surgem para contracenarem em lutas e batalhas grandiosas e edificantes. Pensa que o verdadeiro herdeiro ao trono do Brasil é ele mesmo e cria vários rituais para legitimar essa condição. Covarde e pobre, portanto, sem meios de levar a cabo tal propósito no plano da realidade, ele cria toda essa situação em um texto que escreve e planeja que seja a obra definitiva sobre o Brasil. O reino, a coroação, as princesas e os cavaleiros são as cavalladas e cavalgadas que organiza, numa espécie de homenagem aos acontecimentos ocorridos na Pedra Bonita, cem anos antes. Como resultado de suas atitudes extravagantes, é obrigado a responder a um

² 8ª edição do romance *Pedra Bonita*, de 1976, e a 6ª edição de *Cangaceiros*, também de 1976.

processo e conta toda a sua história a um corregedor mal-humorado que não gosta nada desse homem saliente e ousado.

As várias facetas da existência e permanência do sebastianismo, se redimensiona no trato ficcional, na obra de Ariano Suassuna, em que o veio popular está marcadamente destacado no texto. O tema do sacrifício aliado à figura de Dom Sebastião repete-se na execução do projeto messiânico de João Ferreira e como esse tema amalgama-se a uma forma de conversão, ou seja, é a partir do sacrifício humano que ocorreria a mudança da situação social dos adeptos e o desencantamento do rei aprisionado nas pedras. A esse tema da conversão ainda é possível retomar a teoria da carnavalização, ao se pensar no desejo de ocupação social impossibilitada na realidade social dos sertanejos: João Ferreira, um simples sertanejo é rei; seus seguidores, nobres e ricos homens. O tema sobre o nome Sebastião também é objeto de enfoque uma vez que embasa a fortificação do mito e, na narrativa ficcional, é responsável pela estigmatização na família Garcia-Barretto, personagens ficcionais que são responsáveis pela sustentação da lenda da formação familiar em solos brasileiros: essa família seria originária do próprio rei. Quaderna se utiliza de leituras sobre o Quinto Império e apropria-se de textos e ensinamentos de seus mestres, Samuel e Clemente, para embasar a sua obra gloriosa. Quaderna estuda o lado negativo e positivo do sebastianismo, no intuito de formatar uma nova visão sobre a Pedra do Reino. Consciente, porém, sonhador, é no campo da poesia que essa batalha será travada, emprestando ao enredo do Romance da pedra do reino uma aura de restauração impossível, mas encantadora.

O tema do sacrifício

O tema do sacrifício faz com que o movimento messiânico da Pedra do Reino tenha um caráter único e assustador. Esse acontecimento marcante é escolhido como exemplo de como o discurso ficcional direciona de maneira diferenciada o fato. Na obra de Araripe Junior, a cena do sacrifício é utilizada como prova da insanidade coletiva que tomou conta daquela aglomeração liderada por João Ferreira. Nessa obra, o sebastianismo sertanejo é visto e analisado de forma negativa aliando-se à ideia determinista em que questões étnicas explicam o fato em si. Na manhã do dia 17, o próprio rei, João Ferreira, foi sacrificado, pois seu cunhado Pedro Antônio também

tivera uma visão e D. Sebastião lhe comunicara que o líder deveria morrer para que o desencantamento ocorresse. Nesse ínterim, as autoridades locais tomaram conhecimento do fato e alcançaram os seguidores do movimento, resultando numa luta com mais mortes, inclusive do último líder. Assim teve fim o movimento que difere dos demais pela prática do sacrifício humano. Dá-se a cena do sacrifício:

Finalmente, marcou João Ferreira o dia para iniciarem os sacrifícios necessários a “quebrar de uma vez este cruel encantamento” e a 14 de maio de 1838 seu próprio pai foi o primeiro que correu a se oferecer a Carlos Vieira, que, com um facão afiado, lhe cortou cerce a cabeça. Começou um morticínio inenarrável, que prosseguiu nos dias 15 e 16, com a turba em estado de exaltação. No fim do terceiro dia, as bases das duas torres tinham sido regadas com sangue de trinta crianças, doze homens, onze mulheres e catorze cães. (QUEIROZ, 1965, p. 202)

Segundo Souza Barros, a cena do sacrifício em Pedra Bonita retoma antigos rituais indígenas em que o significado do uso do canibalismo exercia um domínio de ordem mágica, com o objetivo de transmitir segurança ao grupo, uma vez que o rito do sacrifício do herói conquistado era uma necessidade fundamentada na condução das qualidades da vítima aos participantes do festim (SOUZA BARROS, 1986, p. 17). Para isso, a vítima teria que aceitar seu condicionamento, caso contrário, a transmissão de sua coragem, por exemplo, não seria convertida para os que se banqueteariam com seu corpo:

No caso dos sacrifícios humanos de Pedra Bonita, há diversas atitudes que fazem lembrar a tradição indígena e são encontradas na narração de Pereira da Costa [autor de *Folclore Pernambucano*]. Nelas se tem a constatação de dois fatos: a origem indígena de um dos “reis” e a preocupação de que a vítima não revelasse fraqueza na cerimônia de imolação, para que o ato adquirisse as condições de força no sentido de destruição do encantamento. (SOUZA BARROS, 1986, p. 17)

Dom Sebastião sacrifica-se almejando a glória de Portugal: “O fato de ter seguido junto com seus soldados para o campo marroquino deu a esse episódio um tom ainda mais dramático e ritual, na medida em que associou a luta contra o infiel ao sacrifício direto do corpo do próprio rei.” (HERMANN, p. 155). A simbologia do ato repete-se no sacrifício dos adeptos ao reduto messiânico da Pedra do Reino. O sonho visionário de João Ferreira propõe o sacrifício para que o rei desencante. Se ele morreu

por nós, à imagem de Cristo, devemos morrer por ele em sinal de fé: “Não morreu Jesus por nós? O céu se abrirá, Deus Todo Poderoso se há de mostrar com o Príncipe Encoberto a seu lado e todos nós ressuscitaremos como diz no credo a Santa Madre Igreja.” (ARARIPE JUNIOR, 1878, p.75). Em *O reino encantado* Araripe Junior deixa clara a visão reducionista criando um clima de suspense e estupefação nos leitores, fazendo suspensão de alguns detalhes para marcar o traço do horror:

Um frenesi inexplicavel assenhoreou-se de todos os quilombolas que assistiam a esta scena. Os desgraçados sentiam-se embriagados pelas emanações do sangue que corria, e uma força diabolica, á qual não mais tentavam resistir, impelliu-os para ao pé dos monstros, pedindo a morte quanto antes. Queriam resuscitar; queriam ver o reino prometido! (ARARIPE JUNIOR, 1878, p.121)

(...)

Os Vieiras não tardaram em acudir ao insistente reclamo, e, antes que o arrependimento voltasse a entorpecer o ímpeto d’estes desgraçados, brandiram as terriveis armas de destruição, e as cabeças dos primeiros loucos que ousaram aproximar-se rolaram separadas dos corpos, inundando-se a pedra do encantamento em borbotões de sangue. (ARARIPE JUNIOR, 1878, p.121)

Em *Pedra Bonita*, como já foi especificado antes, a aglomeração está vinculada à crença messiânica sem a presença dos traços sebastianistas. Como observa Sônia Lúcia Ramalho de Farias, em trabalho já citado, há um obscurecimento do sebastianismo na narrativa de José Lins do Rego:

A obnubilação do veio sebastianista nos romances de Lins do Rego em contraste com a ênfase dada a esse veio no romance de Suassuna talvez se explique pela diferença de enfoque que cada uma das vertentes romanescas em estudo confere à feudalização do espaço regional. Tal diferença diz respeito tanto à maior ou menor intensidade com que os textos recobrem a matéria medieval, quanto ao modo como essa matéria é estruturalmente incorporada às manifestações populares tematizadas na ficção de ambos os romancistas. (FARIAS, 2006, p. 350)

A narração do momento do sacrifício feito por Zé Pedro aos irmãos Bento e Domício esclarece o segredo terrível, finalmente revelado a Bento. A descrição do momento do sacrifício economiza os pormenores sobre a matança fazendo a vinculação como o trecho bíblico sobre o sacrifício que Deus pede a Isaac. A proximidade com o clima de união ao divino retira a carga assombrosa desse momento:

Lá uma madrugada ele (João Ferreira) gritou para o povo: “Acorda, gente, hoje é o dia da nova criação do mundo. Deus meu pai precisa do sangue dos inocentes para a obra da criação.” (REGO, 1976, p. 118)

(...)

Aí as mulheres correram com os filhos para junto dele. E o Filho de Deus foi cortando cabeça por cabeça e banhando a pedra.” (REGO, 1976, p. 118)

Na cena do sacrifício o narrador de o *Romance da pedra do reino* não se preocupa em economizar detalhes:

(...) o Rei, depois que deu muito vinho a todos, declarou que “El Rei Dom Sebastião estava muito desgostoso e triste com seu Povo”. — “E por quê?” — Perguntaram os homens, muito aflitos, e as mulheres todas muito chorosas. — “Porque são incrédulos! Porque são fracos! Porque são falsos! E finalmente porque o perseguem, não regando o Campo Encantado e não lavando as duas torres da Catedral do seu Reino com o sangue necessário para quebrar de uma vez este cruel Encantamento!” — proferiu o Rei. Ah, meu Amo e meus Senhores! O que depois disso se seguiu é horrível! O velho José Maria Juca Ferreira-Quaderna, pai do Rei, foi o primeiro que correu, abraçando-se com as pedras e entregando o pescoço a Carlos Vieira, que o cortou cércio, pois já lá estava para isso, com um facão afiado! As mulheres e os homens iam agarrando os filhos e vinham entregá-los a Carlos Vieira, a José Vieira e outros, que lhes cortavam as gargantas e quebravam-lhes as cabeças nas mesmas pedras que assim untavam-se de sangue! (SUASSUNA, 1972, p. 43)

O frenesi do sacrifício alia-se a um desejo cego de ver o milagre acontecer. Maior do que a dor da morte, é a certeza do retorno. Um retorno em alto estilo, uma vez que o rei-profeta promete que os pobres voltariam ricos, os pretos voltariam brancos, os doentes, são. Essa possibilidade de vivenciar uma vida diferente e repleta de felicidade enchia-se de significado para os crentes que seguiam tais líderes religiosos. O texto de Souza Barros, já citado neste trabalho, analisa os sacrifícios ocorridos na Pedra Bonita constatando as origens indígenas associada aos rituais do canibalismo e a preocupação de que a vítima a ser sacrificada não demonstrasse fraqueza. Assim, preenche-se de significado a fala de João Ferreira: ele evoca ao povo que não seja fraco e incrédulo, pois o encantamento só funcionaria se houvesse uma entrega total ao ritual da morte.

Conclusão

O sebastianismo atravessou fronteiras temporais, espaciais e imaginárias e estabeleceu-se em solos brasileiros a partir de nuances particulares aliadas principalmente à ideia de esperança por dias melhores. No movimento conhecido como Pedra do Reino é clara essa presença. No campo ficcional tal presença é encarada de diferentes formas: confirmadora do atraso generalizado, exemplificado na obra de Araripe Junior em que o discurso determinista impera; refutado, como nos romances de José Lins do Rego; e, finalmente, amplamente questionada, como no *Romance da pedra do reino*, de Ariano Suassuna, em que temas espinhosos como o sacrifício humano e a crença no mito sebástico são transformados em símbolos de libertação e poesia.

Referências

ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. **O reino encantado**. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1878.

BARROS, Souza. **Messianismo e violência de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL – Instituto Nacional do Livro, 1986.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1984.

CALASANS, José. **No tempo de Antonio Conselheiro** – figuras e fatos da Campanha de Canudos. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; Publifolha, 2000.

D´ANTAS, Miguel. **Os falsos D. Sebastião**. Lisboa: Europress, 1988.

GODOY, Marcio Honório. **Dom Sebastião no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do desejado**: a construção do sebastianismo em Portugal – séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: História, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei**: um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA MARTINS. **História de Portugal**. Lisboa: Guimarães e C. Editores, 1977.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

_____. **D. Sebastião no Brasil:** o imaginário em movimentos messiânicos nacionais. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/20/02-mariaisaura.pdf>. Acesso em 04/09/2007

REGO, José Lins do. **Pedra bonita.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. **Cangaceiros.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d´a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta** – romance armorial brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

VALENSI, Lucette. **Fábulas da memória:** a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VEIGA, José J. **A casca da serpente.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.